

As duas culturas: Antonio Candido e a formação da sociologia e da literatura no Brasil

*José Antonio Segatto**

*Edison Bariani***

RESUMO

Autor de trabalhos fundamentais para o entendimento do processo de formação das culturas no Brasil, Antonio Candido, em seus trabalhos sobre a formação da sociologia e da literatura no Brasil, esboça uma explicação desses processos de gênese cultural por meio de um sistema referencial e funcional, que torna possível a expressão peculiar da sociedade brasileira por meio da cultura científica e da literária. Tais processos e explicações buscam correlações funcionais entre elementos e sistema por meio da relação entre autores-obras-receptores, cabe então investigar a contribuição individual de autores e obras para a formação de contornos e rumos do sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido; Sociologia; Literatura; Formação; Cultura

ABSTRACT

Antonio Candido, author of fundamental papers to understand Brazil's cultures process formation, in his works about sociology and literature formation, he draws an explanation of these process of cultural genesis by mean of referential and functional systems, that become possible Brazilian society expression though scientific and literary cultures. These processes and explanations look at for functional correlations between elements and system by mean of relationship between authors-works-receptors, nevertheless, it must to investigate the individual contributions of authors and works to formation of shapes and directions of system.

KEYWORDS: Antonio Candido; Sociology; Literature; Formation; Culture

* Doutor em Sociologia e Professor Titular da Faculdade de Ciências e Letras – FCL/UNESP, Araraquara-SP, Brasil.

** Doutor em Sociologia, Professor da Faculdade de Itápolis – Facita – SP, Brasil, edsnb@ig.com.br.

Autor de trabalhos fundamentais para o entendimento do processo de formação da sociologia e da literatura no Brasil, Antonio Candido é um pensador essencial para a compreensão do processo cultural de constituição da cultura brasileira. Em seus trabalhos sobre a formação da sociologia e da literatura no Brasil, esboça a explicação desses processos de gênese cultural por meio de sistemas referenciais e funcionais, que tornam possível a expressão peculiar da sociedade brasileira por meio da cultura científica e da literária.

Em 1959, Antonio Candido publicou duas obras de referência para o estudo dos processos de construção histórico-social da sociologia e da literatura brasileiras. Ambas abordam a formação dessas culturas e possuem formas explicativas semelhantes, todavia, não idênticas. Nelas, o autor utiliza a ideia de sistema para explicar o advento dessas culturas, porém, as explicações de seus processos históricos também têm aspectos distintivos, seja na forma de construção do sistema, seja na dinâmica que move os processos.

1 Formação da sociologia na Brasil

A preocupação com a recuperação histórica de nomes e contribuições para a gênese da sociologia no Brasil norteia “A sociologia no Brasil”¹. Nesse artigo, Antonio Candido revisita a produção considerada sociológica, desde o final do século XIX até os anos 1950, com acurado senso histórico, sem pretensões de contestação (anacrônica) das explicações da vida social com base num instrumental posterior e ‘exclusivamente’ científico.

Para o autor, dois períodos podem ser definidos nessa evolução: 1º) de 1880 a 1930, quando a sociologia é “praticada por intelectuais não especializados, interessados – principalmente – em formular princípios teóricos ou interpretar de modo global a sociedade brasileira”, nesse período, também, não há ensino regular, nem existência de pesquisa empírica delimitada; e 2º) após 1940, há “consolidação e generalização da sociologia como disciplina universitária e atividade socialmente reconhecida, assinalada por uma produção regular no campo da teoria, da pesquisa e da aplicação”. No ínterim de 1930 a 1940, a sociologia é “invocada como instrumento de análise social, dando lugar ao aparecimento de um número apreciável de cultores especializados, devendo-se

¹ Artigo redigido em 1956 e publicado originalmente em 1959, na *Enciclopédia Delta-Larousse*, posteriormente, na revista *Tempo Social*, em 2006.

notar que os primeiros brasileiros de formação universitária sociológica adquirida no próprio país formaram-se em 1936” (CANDIDO, 2006, p. 271).

O primeiro período (1880-1930), segundo Candido, foi iniciado com as obras de Silvio Romero e Tobias Barreto², e pode ser dividido em quatro etapas:

- 1^a) predomínio do direito e do evolucionismo;
- 2^a) superação do evolucionismo (cujo marco é o trabalho de Euclides da Cunha, *Os sertões*, de 1902) e ascensão da temática da ‘realidade brasileira’;
- 3^a) preocupação com a elaboração de uma ‘teoria geral do Brasil’, calcada na “evolução social e características organizatórias, com acentuada preferência pelos aspectos políticos” (CANDIDO, 2006, p. 278); progresso com relação a especulações, mas regresso com a falta de preocupação com trabalhos monográficos que, segundo Silvio Romero, poderiam subsidiar a visão global³;
- 4^a) momento decisivo oscilando entre visão sintética global e necessidade analítica de discriminar tipos sociais (procedimento do qual Euclides da Cunha fora precursor), tendo como divisor de águas a obra de Oliveira Viana (mormente *Populações meridionais do Brasil*, de 1919), o qual não adentra na nova fase, mas recorre com regularidade à estatística e tenta renovação bibliográfica para além do evolucionismo e da escola de Le Play (p. 281-2).

No período intermédio (1930-1940), segundo Candido, estabelece-se o ensino em nível superior, Gilberto Freyre promove a renovação dos métodos e agrega larga informação teórica; é fundada a primeira revista acadêmica especializada na matéria (*Sociologia*, em 1939, por Emilio Willems e Antenor Romano Barreto, a partir da Escola Livre de Sociologia e Política); e chegam ao Brasil os professores estrangeiros ou naturalizados (p. 285), os primeiros estudiosos especificamente preparados para os estudos sociológicos e antropológicos (Emilio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide, Jacques Lambert, Charles Morazé, Pierre Monbeig, T. Lynn-Smith).

No segundo período, a partir de 1940, há a consolidação da sociologia como ciência e profissão, “estudos empíricos metodicamente conduzidos ou teorias empiricamente fundamentadas” (p. 289), daí as “novas vias” da sociologia no Brasil: (1)

2 Assim, a outrora chamada ‘Escola de Recife’ foi o marco inicial da sociologia no Brasil e, *Introdução à história da literatura brasileira* (1881), de Silvio Romero, foi sua primeira manifestação, bem como “Glosas heterodoxas a um dos motes do dia, ou variações antissociológicas” (de 1884 a primeira parte e de 1887 a segunda), de Tobias Barreto, o primeiro escrito teórico de certo vulto sobre o assunto (CANDIDO, 2006, p. 273).

3 Mais tarde, o debate acerca da produção monográfica como forma de embasar a visão totalizante, relação entre empirismo, indução e dedução terá novo desenrolar com a polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos (BARIANI, 2010).

organização do trabalho sociológico, por meio de: a) ensino, faculdades e colégios; b) pesquisa: individuais de finalidade acadêmica ou outra qualquer, didáticas visando treinamento de alunos (isoladamente ou em grupos), em equipe com finalidade científica (UNESCO e pesquisa sobre o negro no Brasil), em equipe com finalidade prática, levantamento sócio-cultural do vale do São Francisco, níveis de vida por Governo Federal, atividade do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, CBPE, melhorias da instrução e ajuste às necessidades do país; c) divulgação (livros, revistas, vida associativa frágil e intercâmbio em base pessoal, criação da SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia). Também, (2) novo espírito que preside o trabalho, havendo a superação mentalidade literária e, (3) várias obras são realizadas, tendo como principais tópicos: a) teoria, b) sociedade primitivas, c) grupos afro-americanos, d) sociedade rústicas, e) aculturação de imigrantes, f) fenômenos de urbanização, g) ‘sociologias especiais’.

Para Antonio Candido (2006, p. 272), inicialmente, o jurista foi o intérprete por excelência da sociedade brasileira, circundado também por médicos e engenheiros. Sob a égide do evolucionismo (científico e filosófico), houve:

A obsessão com os fatos naturais, notadamente o biológico (raça); a preocupação com etapas históricas; o gosto pelos estudos demasiado gerais e as grandes sínteses explicativa. Daí a predominância do critério evolutivo e a preferência pela história social, ou a reconstrução histórica, que ainda hoje marcam os nossos sociólogos e os tornam continuadores lógicos da linha de interpretação global do Brasil, herdada dos ‘juristas filósofos’ (para falar como Clóvis Bevilacqua) do século passado. (CANDIDO, 2006, p. 272).

Com a superação desse evolucionismo, se impõe definitivamente a temática da ‘realidade brasileira’, o que tornou “possível elaborar uma fórmula bem brasileira de estudos sociais, em que a reconstrução do passado se amoldava a certos pontos de vista do presente; em que os estudos se misturavam à intuição pessoal e o cientista ao retórico, ou ao escritor” (p. 272-3). A densidade, variedade temática e regularidade da produção, bem como a presença de obras significativas, mais que a institucionalização, consolidaram um *corpus* da sociologia brasileira, sendo esta marcada pelo sincretismo e pelo autodidatismo inicial – que não deve ser vituperado, ainda que superado pelas exigências, pois foi “o grande recurso do nosso progresso mental” (p. 282).

A abordagem feita por Antonio Candido da formação da sociologia no Brasil prima pela generosidade na menção de nomes e obras, análise sutil e perspicaz do leitor

arguto e do conhecedor profundo, e ainda, nela insere os estrangeiros que produziram obras aqui sobre temas nacionais, bem como reconhece contribuição dos intelectuais não especializados (Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Campos), cujas obras superam muitas vezes em importância a produção ‘especializada’.

Pode-se sugerir a eventualidade de algumas – talvez não indispensáveis – figuras como José Veríssimo, Soriano de Albuquerque, Almáquio Diniz, Gama Rosa, Álvaro Bomilcar e Azevedo Amaral, todavia, o que salta aos olhos são as ausências de Tavares Bastos, Pereira Barreto, Alberto Salles e Joaquim Nabuco, bem como a subestimação da influência do positivismo (e suas variações) na formação da sociologia brasileira, ao que parece, excluídos devido ao critério metodológico adotado pelo autor. Nesse sentido, o esquema interpretativo adotado por Candido assemelha-se ao que fora testado (com relativo êxito) em *Formação da literatura brasileira*, no qual aborda a literatura brasileira como base num sistema que compreende a relação entre produtores, receptores e obras e mecanismos de transmissão cultural.

No caso da sociologia (tomada como ciência empírica), a formação se dá a partir da presença de produtores que se debruçam sobre a realidade nacional e sua particularidade, usam formas próprias de abordar a matéria (autodidatismo, sincretismo, pendor literário, visão globalizante e tentativa de teorização histórico-sistemática da sociedade brasileira) e constroem canais de comunicação/expressão destes conteúdos (ensino de sociologia, publicações, reuniões e pesquisas regulares). Isso posto, a formação da sociologia, embora em processo a partir do final século XIX, encontraria sua consolidação apenas na segunda metade do século XX, ou seja, a sociologia brasileira teria alcançado sua autonomia somente quase um século após a literatura tê-lo feito.

Assim, é a imbricação entre o amadurecimento da capacidade de interpretação social racional (científica, logo empírica) do Brasil pelos estudiosos e a construção de possibilidades e mecanismos regulares de difusão e recepção dessas interpretações que caracterizam o sistema de uma sociologia no Brasil.

Alguns cientistas sociais chegam mesmo a utilizar o conceito de sistema para o estudo e a delimitação dos marcos cronológicos e históricos do estabelecimento e institucionalização da sociologia no Brasil. Élide Rugai Bastos (1988), por exemplo, empregando o referencial de Antonio Candido, detecta nas décadas de 1920/30 o fechamento de um ciclo na sociologia no qual as análises expressavam “antes pontos de vista e menos uma explicação sistemática que forneça um gabarito para a reflexão sobre

os problemas sociais”. Nesse momento “surgem os primeiro autores a tentar uma sistematização do pensamento que permita a elaboração de um referencial analítico da problemática social”. É, especialmente, *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre o “ponto de inflexão”, esse seria o “último pensador de um período e o primeiro da nova etapa” – e marcaria “o momento em que uma teoria social deixa de apresentar-se como manifestação dispersa e surge como um sistema: a sociologia” (BASTOS, 1988, p. 146). A seguir, com a USP e a obra de Florestan Fernandes, tal momento estaria plenamente consolidado (BASTOS, 1988, p. 147).

Publicado havia cinquenta anos, quando de sua republicação em revista (em 2006), o autor considerou que o interesse do texto era apenas de um “documento de época”, entretanto, o texto continua uma referência básica para o estudo da sociologia no Brasil.⁴

2 Formação da literatura brasileira

Já em *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1971),⁵ Candido aborda a literatura brasileira tendo como base a construção de um *sistema* que compreende: 1) produtores (mais ou menos conscientes de seu papel), 2) receptores (diferentes tipos de público), e 3) mecanismos de transmissão cultural (linguagem e estilos).

Ao analisar a formação da literatura brasileira, o autor procura demarcar os momentos decisivos (Arcadismo e Romantismo), estabelecendo um esquema da formação e presença da nacionalidade num processo ininterrupto, tanto de formação da literatura como de constituição do Estado nacional.

Quando da delimitação e qualificação dos momentos decisivos, Candido procura distinguir manifestações literárias (de literatura propriamente dita) consideradas constituintes de um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, a saber, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica literariamente organizados, que se manifestam historicamente e que constituem a literatura como algo orgânico da civilização, assim, cabe distinguir: a

4 O autor não fez modificações no texto, apenas reviu sua interpretação com respeito à importância da obra de Manoel Bonfim, cuja valorização positiva é atestada pelo artigo “Radicalismos”, fruto de uma palestra em 1988 e publicado pelo autor em artigo em 1990 na revista *Estudos Avançados*, v. 4, n. 8 e, posteriormente, acrescentado, em 1995, à 3ª edição do livro *Vários escritos* (CANDIDO, 1995).

5 Livro preparado e redigido entre 1945 e 1951, retomado em 1955 para revisão final em 1956 (1º volume) e 1957 (2º volume), publicado originalmente em 1959.

existência de um conjunto de produtores literários relativamente conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, que formariam um público; e meios de transmissão (linguagem e estilos).

A literatura, constituída como *sistema*, levaria à fixação de uma tradição, como resultado de um processo acumulativo de autores e obras sucessivos, possibilitando a formação da continuidade literária. Assim, a noção de sistema permitiria repensar a periodização histórica da literatura brasileira. Do século XVI a meados do XVIII, teria havido manifestações literárias esparsas, rarefeitas, isoladas, sem continuidade e organicidade, de repercussão local, sem conseguir formar uma tradição. É somente na segunda metade do século XVIII, com as academias e os árcades, que começaria a se configurar uma literatura brasileira. O processo formativo ganharia novo impulso nas primeiras décadas do século XIX, quando são criadas algumas premissas básicas para a construção da nação, propiciadas pelo deslocamento do Estado português para a colônia e, posteriormente, pela quebra do estatuto colonial.

É, no entanto, entre os anos trinta e setenta do século XIX que o “sistema literário” se consolida. E se consubstancia por meio do movimento romântico, desencadeado em Paris por um grupo liderado por Gonçalves de Magalhães por meio da revista *Niterói*, em 1836. Seu referencial são as teses elaboradas por Ferdinand Denis (1969).

Em *Resumo da história literária do Brasil*, de 1826, Denis estaria “[...] fundando a teoria de nossa literatura segundo os moldes românticos, num sentido que a orientaria por meio século e iria repercutir quase até nossos dias” (CANDIDO, 1971, v. 2, p. 323). Inspirado em Schlegel, Madame de Staël e Chateaubriand, Denis define o caráter que a literatura deveria assumir na América: teria de se diferenciar pela temática local e pela natureza. “Os sentimentos dominantes na literatura serão, portanto, o nacionalismo, o indianismo e o cristianismo, pois este foi o ideal que dirigiu nossa colonização” (CANDIDO, 1971, v. 2, p. 322). Seus princípios fundamentais poderiam, para Antonio Candido, ser sistematizados como segue: 1) o Brasil precisa ter uma literatura independente; 2) esta literatura recebe suas características do meio, das raças e dos costumes próprios do país; 3) os índios são os brasileiros mais lídimos, devendo-se investigar as suas características poéticas e tomá-las como tema; 4) além do índio, são critérios de identificação nacional a descrição da natureza e dos costumes; 5) a religião não é característica nacional, mas é elemento indispensável da nossa literatura; 6) é preciso reconhecer a existência de uma literatura brasileira no passado e determinar

quais os escritores que anunciaram as correntes atuais (CANDIDO, 1971, v. 2, p. 329-30).

Tributários do nacionalismo, os intelectuais românticos criaram as bases do que seria uma literatura brasileira. Empenhados na “construção da nação”, assumiram mesmo um “sentimento de missão” que os levava a “[...] considerar a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre” (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 26). Aliás, o próprio autor, Antonio Candido, esclarece que se colocou de maneira deliberada do ponto de vista

[...] dos nossos primeiros românticos e dos críticos estrangeiros, que antes deles, localizaram na fase arcádica o início de nossa verdadeira literatura, graças à manifestação de temas, notadamente o Indianismo, que dominarão a produção oitocentista. Esses críticos conceberam a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional. (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 25).

Nos anos setenta do século XIX, o sistema literário estaria plenamente configurado, a formação da literatura brasileira concluída e seu ponto de chegada seria a obra de Machado de Assis (LEONEL, SEGATTO, 2010a, 2010b) na qual, segundo Candido, o escritor:

[...] se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição dos costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência de predecessores, e esta é uma das razões de sua grandeza [...] aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores [...] Assim, se Swift, Pascal, Schopenhauer, Sterne, a Bíblia ou outras fontes que sejam, podem esclarecer sua visão do homem e a sua técnica, só a consciência de sua integração na continuidade da ficção romântica esclarece a natureza do seu romance. (CANDIDO, 1971, v. 2, p. 117-8).

Há muita especulação sobre a gênese da noção ou categoria de “sistema literário” utilizado por Antonio Candido. É de conhecimento notório sua presença, de forma ainda embrionária e às avessas, na obra de Sílvio Romero de fins do século XIX – ali lamenta-se “a falta de uma seriação de ideias” e que, no Brasil, “um autor não procede de outro; um sistema não é uma consequência de algum que o precedeu”; derivaria daí a ausência de “tradições intelectuais” (ROMERO, 1969, p. 39). Tal visão é

reposta, alguns anos depois, por José Veríssimo, que igualmente constata a falta de continuidade ou do “elemento transmissor” na literatura brasileira (1977, p. 12). Para ambos não havia, portanto, sido criadas as condições para o estabelecimento de uma linhagem intelectual e nem organicidade cultural suficiente. Paulo Arantes (1997) constata que, além dos indícios presentes nesses dois autores, muitos (discípulos) acreditam que a categoria da literatura como sistema (em Antonio Cândido) teria aproximações com a noção de “tradição”, de T. S. Eliot, já sugerida nos anos 1930 por Lúcia Miguel Pereira (1973, p. 54-5) ao discutir a obra de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

De outra parte, Luiz Costa Lima chama a atenção para o fato de a noção de “sistema literário” ser caudatária do “funcionalismo antropológico inglês” (1991, p. 160-1), presente entre professores europeus da USP nos anos 1940, como Radcliffe-Brown e outros. De nossa parte, supomos que, muito provavelmente, essa ideia deriva do conceito de sistema social, que implica coesão e integração, determinação e articulação orgânica e funcional dos componentes de uma dada realidade, ou, ainda, um mecanismo ou arranjo estrutural no qual cada uma das partes tem um papel determinado no funcionamento do todo; uma unidade funcional e não uma simples justaposição de elementos. Antonio Candido, inclusive, reconhece o resquício de “mecanicismo” em sua formação, feita “dentro da escola sociológica francesa, sobretudo Durkheim” (2002, p. 113). Leopoldo Waizbort (2007, p. 90), por seu turno, procura mostrar que a noção de “sistema literário”, de Antonio Candido, aproxima-se da de E. Curtius, além de ter similitudes teóricas com E. Auerbach, especialmente quando caracteriza os “momentos decisivos”. É possível, cremos, que ela tenha sido inspirada num certo hibridismo teórico (e o contenha mesmo), proveniente da junção de elementos do funcionalismo durkheimiano com a dialética materialista do marxismo; tal conjectura pode ser ilustrada por uma passagem de outro texto do autor acerca de problemática conexa: “Se fosse possível estabelecer uma *lei da evolução* de nossa vida espiritual, poderíamos dizer que toda ela se rege pela *dialética* do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos” (CANDIDO, 1976, p. 109, grifo nosso). Um exemplo do ecletismo uspiano, bem típico da Faculdade de Filosofia nos anos 1940/50.

Por outro lado, a tese segundo a qual a literatura brasileira já estaria formada, com um sistema concluído, nas últimas décadas do século XIX, com a obra de Machado de Assis, já foi problematizada (Segatto, Leonel, 2010). Roberto Schwarz (1999), no entanto, procurando justificar a posição do autor da *Formação*, afirma que, embora a

construção do país não se tivesse completado, o processo de formação da literatura mostrava estar concluído, ou seja, o movimento constitutivo da literatura havia terminado, apesar de a nação continuar inconclusa.

Haveria mesmo um descompasso entre a constituição do Estado-Nacional em sentido *lato* e a criação de uma literatura brasileira – ela, a literatura, pôde ganhar organicidade sem que o mesmo ocorresse com a sociedade e o Estado sobre a qual ela se erigiu. Tanto tal tese é problemática que o movimento iniciado com o Romantismo e animado pelo Estado Imperial no século XIX, no sentido de forjar uma literatura e uma cultura nacional, é retomado no modernismo e tem continuidade nos anos 1930/40 (Estado Novo) e nos movimentos nacionalistas das décadas de 1950/60. Tal recorrência não poderia ser vista como manifestação não só de que a constituição do Estado-nacional continuava inconclusa, mas também de que a formação da literatura brasileira encontrava-se constringida, em busca de uma fisionomia ou configuração própria?

Mas se, por um lado, é provável que a noção de “sistema literário” tenha sido formulada a partir de uma gama de experiências de leituras de obras de autores muito variados, o fato é que Antonio Candido elaborou algo novo e altamente funcional para a explicação dos momentos decisivos da formação da literatura brasileira. De maneira que, partindo de uma noção difusa, a reelaborou na forma de uma nova síntese, criou uma categoria com singular originalidade e extraordinário poder explicativo.

3 Formação das duas culturas

A noção/categoria de *sistema* como chave para explicar a formação da literatura foi também usada por Antonio Candido, embora sem mencioná-la explicitamente, para interpretação da formação da sociologia no Brasil. Em ambos os modelos, a explicação da formação de uma cultura específica passa pela geração e adensamento de mecanismos e agentes, ou seja, a criação de mecanismos de transmissão cultural, a integração de produtores e de receptores, e também a elaboração de obras devem ser aí referidas, pois, embora sejam resultado desse processo, também o realimentam a partir da recriação e incrementação qualitativa/quantitativa dos requisitos básicos de funcionamento do sistema. Assim, o crescimento e adensamento de produções podem realimentar o sistema que, devido às suas características, tende a se tornar maior e mais complexo. Todavia, as formas de desenvolvimento do sistema de uma cultura já formada não são abordadas por Candido, uma vez que se preocupou eminentemente

com a formação, o processo inicial de constituição até uma determinada autonomia, o que não nos impede de especular a tal respeito.

Em termos dinâmicos, o(s) sistema(s) de formação das culturas literária e sociológica é construído a partir de uma ideia de correlação funcional entre sujeitos e produção\mecanismos, assim, a ação dos sujeitos (produtores) cria materiais e meios necessários para alcançar e incorporar outros sujeitos (receptores), cuja inclusão no sistema leva a mudanças quantitativas na produção de obras e mecanismos, bem como na própria forma de concepção/criação desses artefatos e meios, uma vez que o autor, como produtor, passa a ter por influência, como horizonte de expectativa na sua criação, o ideal de determinado público e suas exigências. Tal sistema é semelhante à própria criação de um ‘mercado cultural’ como ambiente moderno de produção de bens simbólicos⁶.

Candido não cai na armadilha mais comum ao funcionalismo sistêmico, de tomar a ordem como requisito funcional e não como resultado dos processos (BUCKLEY, 1971), pois os elementos do sistema não estão dados de antemão, nem operam sempre e somente no sentido de alimentar e incrementar a ordem constituída a partir de seus requisitos de formação. As próprias geração e alimentação do sistema criam diferentes combinações e tensões que serão incorporadas (sem diluição) na nova configuração da ordem, assim, por exemplo, alguns autores/produtores trazem contribuições que não estão imediatamente sintonizadas com a evolução e funcionamento do sistema, avançam ou recuam em relação ao *mainstream* da criação sistêmica, o que não os torna, na classificação do autor, deslocados ou anacrônicos, reacionários ou utopistas. Do mesmo modo, as exigências do público, embora sejam funcionais para o sistema e forneçam referências para os produtores, não são absolutamente determinantes dessa produção. As exigências do público – ainda fracamente desenvolvido e informado – como referência podem dar parâmetros para a maior ou menor integração dos autores como produtores e para a confecção de materiais e mecanismos, entretanto, não vedam ou elevam as contribuições de modo cabal. Até

6 Em que o uso do sistema e a homologia na formação das culturas, ao que parece, Candido percebe a literatura como uma expressão da vida social no contexto de uma formação social cujos recursos estéticos, embora estejam relacionados a referências canônicas, tem uma larga margem de criação artística que está relacionada à invenção em dadas circunstâncias, daí nomear a formação da “literatura brasileira”; já na sociologia, parece haver uma obrigatoriedade de maior fidelidade e rigor em relações aos padrões científicas, universais, cuja margem de criação não pode romper com as exigências lógico-metodológicas da racionalidade instituída, daí referir à “sociologia no Brasil”.

porque Candido tem claro o papel mitigado do público na criação cultural de uma sociedade em fase de consolidação e integração política, nacional e social.

É importante notar que uma das grandes contribuições de Antonio Candido, em ambos os campos culturais, é de formular a explicação histórico-genética da cultura com base num sistema que tem seu dinamismo, primordialmente, dado pelas circunstâncias internas à cultura e à formação social. Nesse sentido, distingue-se de outras interpretações desses processos que: percebem a criação da cultura como processo de repetição/imitação/transposição de elementos estranhos para uma cultura local, importação de ideias, transplantação de conceitos, retirando qualquer vitalidade da produção nacional e inviabilizando a identificação de uma tradição; e, por outro lado, dos que veem tal criação como um ato demiúrgico, nativista, que relega as contribuições exteriores para a formação de uma cultura e a influência positiva dessas contribuições em termos de uma atualização das formas de produção cultural, que relega o externo como espúrio, que vem conspurcar uma suposta pureza da cultura nacional, o que, obviamente, é um mito.

É possível notar a distinção dos trabalhos de Candido em relação a tais visões. Na literatura, contraria tanto o romantismo nativista e ingênuo como a ansiedade pelo *up to date*, pela última moda do centro que chega à periferia, afirmando o processo de construção histórico-genético de um sistema autônomo (embora não hermético) que é capaz de criar uma tradição, uma autonomia e uma produção singular. Na sociologia, contraria a simples importação de ideias, de reverberação da produção central (europeia/norte-americana), bem como o apego ao exótico, excêntrico, como afirmação do nacional e autêntico. Também, e principalmente, Candido contraria a explicação canônica da emergência das ciências sociais, particularmente da sociologia, que domina o campo cultural e afirma que as ciências sociais são fruto da institucionalização, da criação de padrões científicos, do afastamento em relação à literatura e ao direito, da vinda de ‘missões civilizadoras’ de cientistas europeus e norte-americanos, etc. Na principal versão desse mito criador, propagado por Donald Pierson (1972), Florestan Fernandes (1977) e a tradição uspiana, entre outros, a universidade (de São Paulo) teria tido um papel crucial nessa formação, ao fincar o marco entre o pré-científico (literário, ensaístico, explicador etc.) e o científico (institucional, atual, padronizado, canônico e afastado dos interesses da vida e dos males da política). Candido, embora pertencente a essa tradição, evita os mesmos erros, pensando o processo de formação da sociologia a partir do dinamismo interno do sistema cultural intrinsecamente ligado à formação

social sem desconsiderar que determinados estímulos externos, ao serem incorporados nas concepções dos sujeitos e na elaboração das obras, trazem novos elementos a essa dinâmica. Mais tarde, ao superar o modelo inicial do sistema como forma de explicação da formação dessas culturas, incorporando a tensão conflituosa entre essas duas formas de dinâmica, Candido vai se referir a uma “dialética do local e do cosmopolita” (CANDIDO, 1976, p. 109).

Todavia, embora considere as referências temáticas como um elemento do sistema, a qualidade das obras em termos de estética (literatura) e a capacidade/ampliação da explicação da sociedade (sociologia) não são elementos importantes na constituição das culturas, já que o sistema se reproduz e muda a partir da integração entre as partes e da incrementação/densidade dos elementos. Daí o fato de uma obra trazer uma contribuição estética/explicativa incomum, superior, não é um fator de mudança do sistema, em vez disso, apenas indica que o sistema chegou ao nível de poder produzir aquela obra, tornou-a possível com sua condição. Na sociologia isto é notório, embora o caso de, por exemplo, Euclides da Cunha, ilustrar uma preocupação com os autores como construtores individuais em termos de marcos temáticos e explicativos, mas, a despeito disso, não contribuem individual e decisivamente para a formação. Já na literatura há o caso de Machado de Assis, entretanto, é possível interpretar sua condição como o ‘coroamento’ do processo e não como a transformação pelo grande autor ou o arrebatamento pelo gênio. Assim, autores e obras são sistemicamente condicionados e funcionalmente integrados, de modo que não há menção a situações, meios e autores que desempenham funções latentes negativamente funcionais ou funções manifestas (ou não) que sejam completamente disfuncionais.⁷

Desse modo, há um risco real de, ao privilegiar a formação da cultura e, ainda que considerando grupos e gerações (coletivos), deixar de lado as contribuições individuais dos produtores inseridos nesses grupos, mas que têm uma atuação peculiar não simplesmente diluída no que é comum ao grupo. Teriam, por exemplo, Machado de Assis e Euclides da Cunha, ou Alencar e Silvio Romero, ou Aluísio Azevedo e Gilberto Freyre, respectivamente às culturas, contribuído em termos funcionais para que seu grupo/geração promovesse entradas sistêmicas de novos elementos ou podem ter

7 Obviamente que essa terminologia estava em gestação ou recentemente em circulação quando Candido escreve seus trabalhos aqui mencionados, todavia, a exigência crítica para com o autor não é com o conceitual, mas com a lógica da explicação.

influenciado individualmente – com suas ações, obras e interpretações – a mudança do grupo e, em última instância, até mesmo a reprodução do sistema cultural?

Se na formação de uma cultura literária ou sociológica é imprescindível a consideração das manifestações coletivas na constituição e funcionamento desses sistemas, a contribuição individual dos autores/produtores não pode ser considerada residual. Não é um erro que Candido tenha cometido, uma vez que esse não era seu escopo de análise e menciona individualmente esses autores como produtores dos elementos que são incorporados na dinâmica funcional, embora apenas coletivamente. Resta saber em que medida a obra e ações de um autor são capazes de influenciar os rumos de uma cultura, seja modificando sua relação funcional com o sistema, seja transgredindo disfuncionalmente a dinâmica de reprodução do sistema.

Os textos de Antonio Candido continuam sendo referências essenciais para entender a formação das culturas no Brasil, a despeito das transformações e da complexificação que se deram desde os anos 1950 até hoje. Cabe então examinar as contribuições dos autores e obras como produtores e produção (literária/sociológica), respectivamente, para entender a formação dessas culturas não apenas do ponto de vista sistêmico, amplamente social e vagamente inventivo, mas de como contribuíram para dar novos contornos e rumos a essa formação, uma vez que, se a generalização pode desconsiderar a importância de determinadas obras e autores na mudança da cultura, por outro lado, considerar a formação de uma cultura somente por meio de indivíduos e suas criações é uma romantização histórica que já não tem lugar na explicação científica desses processos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. E. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: _____ e ARANTES, O.B.F. *Sentido da formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 7-66.

BARIANI, E. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2010.

BUCKLEY, W. *A sociologia e a moderna teoria dos sistemas*. São Paulo: Cultrix, 1971.

CANDIDO, A. A sociologia no Brasil. In: *Enciclopédia Delta Larousse*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964. tomo IV. p. 2107-23.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969. 2 v.

_____. Literatura e cultura. In: _____. *Literatura e sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 109-138.

_____. *Vários escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, A. Variações sobre temas da formação. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002. p. 93-120.

_____. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 271-301, jun. 2006.

CAMPOS, H. de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CARVALHO, J. M. Brasil: nações imaginadas. In: _____. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 233-68.

COUTINHO, A. O regionalismo na prosa de ficção. In: _____. (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955. v. 2. p. 145-51.

_____. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981.

DENIS, F. *Resumo da história literária do Brasil*. Porto Alegre, Lima, 1969.

_____. Resumo da história literária do Brasil. In: CESAR, G. (Org.). *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição europeia – a crítica e a história literária*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1978, v. 1. p. 27-82.

FERNANDES, F. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Organização do Estado e formação da literatura. *Gramsci e o Brasil*, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1042>>. Acesso em: 1 nov. 2010a.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Formação da literatura e constituição do Estado nacional. *Itinerários*, Araraquara, n. 30, p. 11-30, jan./jun. 2010b.

LEPENIES, W. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

LIMA, L. C. Concepção de história literária na Formação. In: _____. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 149-166.

MIGUEL-PEREIRA, L. *Prosa de ficção*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PIERSON, D. *Teoria e pesquisa em sociologia*. 14ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

ROMERO, S. A filosofia no Brasil. In: _____. *Obra filosófica*. São Paulo: José Olympio/Edusp, 1969. p. 3-160.

VERÍSSIMO, J. O que falta à nossa literatura. In: _____. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1977. 2ª série. p. 9-13.

WAIZBORT, L. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

NUNES, B. Historiografia literária do Brasil. In: _____. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1988. p. 205-46.

Data de submissão: 04/07/2013

Data de aprovação: 21/09/2013